

05 - SOLITE, A “PEDRA DA RESILIÊNCIA”: O Enigma do Carbono e a Identidade das Ilhas de Bruma

<https://gmga.com.br/05-solite-a-pedra-da-resiliencia-o-enigma-do-carbono-e-a-identidade-das-ilhas-de-bruma/>



<https://doi.org/10.31419/ISSN.2594-942X.v132026i1a5SH>

?Susana Horta

Açores Gems and Minerals, São Miguel, Açores, Portugal; azoresgemsandminerals@gmail.com

?ABSTRACT

This chronicle is not just about a stone; it is about the soul of the Azores preserved in a gem. The solite, which we affectionately call the 'Stone of Resilience,' hides within its silica body traces of carbon that time stubbornly preserved. Here, I recount the journey from when I found it on the island of São Miguel, Azores, Portugal, to the moment it shines on the cutting bench. It is a path made of art, but also of science, relying on the attentive eye of Professor Marcondes L. Costa, who is now meticulously examining the chemistry of this gem to elevate it to the level it deserves.

RESUMO

Esta crónica não é apenas sobre uma pedra, é sobre a alma dos Açores guardada numa gema. A Solite, que carinhosamente chamamos de "Pedra da Resiliência", esconde nas suas entranhas de sílica restos de carbono que o tempo teimou em preservar. Aqui, conto a viagem desde que a encontrei na ilha de São Miguel Açores, Portugal, até ao momento em que brilha na banca de lapidação. É um caminho feito de arte, mas também de ciência, contando com o olhar atento do Professor Marcondes L. Costa, que está agora a passar a pente fino a química desta gema para a elevar ao patamar que ela merece.

A ESSÊNCIA DA SOLITE

A solite é uma das gemas de eleição das nossas ilhas. Batizada pela Azores Gems and Minerals como a Pedra da Resiliência, ela representa a união perfeita entre a força bruta da natureza e a delicadeza da vida. Encontrada na orla costeira da ilha, esta gema guarda no seu interior um fenómeno que desafia a nossa compreensão, a “Matriz da Vida”.



Figura 1 - Seixo de solite no seu estado natural. A “Pedra da Resiliência” tal como é encontrada na orla marítima de São Miguel Açores, Portugal. A sua superfície escura e polida pelo mar esconde a complexa “Matriz da Vida” no seu interior.

Viver nos Açores é aceitar um pacto de coragem com o planeta. Habitar estas Ilhas de Bruma significa existir no exato ponto onde a Terra se rasga e se reconstrói. Somos um povo que cresce entre o rugido das placas tectónicas, o impacto dos sismos e o silêncio expectante dos vulcões, rodeados por um mar revoltoso que tanto nos isola e que tanto nos define. É neste isolamento geográfico, no coração do Atlântico, que

nós reconhecemos e somos reconhecidos como Atlantes. Para nós, este nome não é apenas uma referência a mitos distantes que a ciência prefere cautelar, é a nossa identidade biológica. Ser Atlante é saber navegar entre a instabilidade da terra e as marés, é ter a tempera de quem sabe que o solo sob os pés é vivo e mutável. A solite é o espelho desse sentir, uma gema que, tal como as vidas inteiras que renasceram após os grandes abalos da nossa história, foi forjada sob a pressão das profundezas e devolvida pelo oceano para provar que a destruição pode ser o berço de uma nova e mais forte existência.

A ORIGEM DO NOME: UMA HERANÇA DE LUZ E AFETO

?O batismo desta gema, Solite, nasce da convergência entre o rigor da descoberta e a sensibilidade do momento. O nome carrega uma dupla homenagem que define a essência da Azores Gems and Minerals

?O Lado Humano e o "Caopanheiro"

O nome é uma homenagem direta ao Sol, o fiel companheiro de quatro patas da autora, que a acompanha incansavelmente nas expedições de garimpo pelas encostas e ribeiras da ilha de São Miguel Açores. Ele é o símbolo da lealdade e da persistência necessárias para encontrar o que está escondido.

A Revelação Solar

O sufixo "ite" (comum nos minerais) une-se ao Sol não apenas pelo nome do companheiro, mas pelo fenómeno visual único que a gema apresenta. Foi sob a luz direta do sol, durante o trabalho de campo, que a autora percebeu que aquele material não era uma rocha comum, o brilho intenso e a profundidade que a luz solar revelava naquelas faces negras foram o "clique" para o reconhecimento da sua singularidade.

?A solite é, portanto, a pedra batizada pela luz e pela companhia, um mineral que só revela a sua verdadeira alma, as suas dendrites e o seu brilho adamantino, quando confrontado com a claridade do astro-rei.



Figura 2 - Onde tudo começou. O Sol, o guardião da solite, usando uma criação da Azores Gems and Minerals feita à sua medida. Uma homenagem viva ao companheiro que nunca me deixou caminhar sozinha e que emprestou a sua essência à 'Pedra da Resiliência' para que ela brilhasse tanto quanto o seu nome.

O ENIGMA DAS DENDRITES DE CARBONO

O que define a solite na gemologia é a presença extraordinária de dendrites de carbono orgânico. Estas formas arborescentes, que parecem delicadas florestas negras capturadas no quartzo calcedônico, são o coração desta gema.



Figura 3 - Observação após polimento ou retirada da capa. O processo de polimento permite atravessar a opacidade da superfície bruta, revelando o “Enigma das Dendrites” como estruturas arborescentes de carbono orgânico na matriz de quartzo calcedônico.

A identificação deste carbono, amorfo, validada pelo Professor Dr. Marcondes Lima Costa, orgânico,

revela um processo de "passivação natural". O carbono, “a base de toda a vida”, foi encapsulado, sobrevivendo ao calor, à pressão e às constantes vibrações sísmicas do vulcanismo. É a metáfora perfeita para a nossa própria existência, tal como o carbono na solite, a essência do povo das ilhas permanece intacta, estruturada e nobre, independentemente das provações impostas pelos elementos da natureza e pela força dos sismos.

O Mistério: O Camaleão no Negro Profundo

O verdadeiro enigma da solite reside na sua natureza de camaleão mineral. Sob luz visível, as dendrites de carbono permanecem mergulhadas num negro profundo e impenetrável, quase como se a pedra guardasse a sua história num silêncio absoluto. No entanto, esta opacidade é apenas aparente.



Figura 4 - O Espectro Camaleão da solite. Painel comparativo revelando a diversidade de assinaturas luminescentes e padrões estruturais sob condições de luz incidente e polimento. Do negro impenetrável à translucidez vibrante, cada exemplar manifesta uma identidade única, reagindo à incidência luminosa como um organismo vivo que “acorda” para revelar o seu coração dendrítico.

Esta natureza camaleónica manifesta-se num espectro surpreendente. Enquanto alguns exemplares

revelam tons quentes e âmbares que lembram o fogo vulcânico, outros despertam em padrões frios e reticulados, como veias de luz atravessando a escuridão. Não existem duas pedras solites iguais. Cada pedra polida é uma revelação individual de como o tempo e a pressão moldaram a matéria orgânica em arte mineral.

? Sob a incidência de luz UV

Sob a incidência de luz UV, a Solite reage, revelando uma assinatura luminescente que altera completamente a percepção da sua matriz. As ramificações, que antes eram sombras, ganham uma vida nova, provando que a Solite não é uma pedra estática. Este fenómeno de fluorescência é o reflexo da interação complexa entre os elementos que a compõem, que funcionam como ativadores de luz. É a prova de que, nesta gema, o que é invisível ao olho comum é, na verdade, a sua essência mais vibrante.

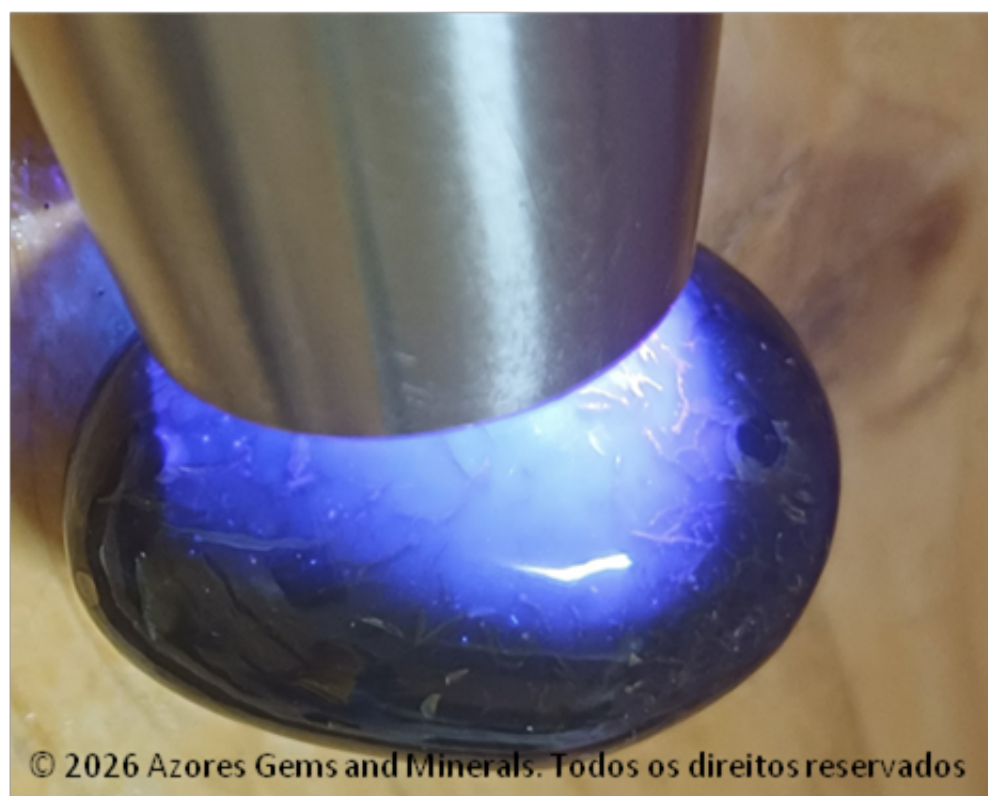


Figura 5 -Revelação da matriz sob luz ultravioleta. A prova da complexidade interna e da beleza oculta na “Pedra da Resiliência”.

? Fósseis e Memória Mineral

A Solite é também um arquivo de antigos ecossistemas. A presença de impressões de fósseis (braquiópodes), como já documentado na crónica da **BOMGEAM**, Ano 12 (2025) – Número 4 – Crônicas “**A MATRIZ DA VIDA EM MINERAL: O ENIGMA DAS DENDRITES DE CARBONO ORGÂNICO COMO INCLUSÕES EM QUARTZO CALCEDÔNICO: UMA CRÔNICA COM**

ENSAIO CIENTÍFICO”, <https://doi.org/10.31419/ISSN.2594-942X.v122025i4a2SH>, sugere que a gema formou-se num ambiente de vida marinha com intensa atividade de invertebrados, como moluscos por exemplo, capturando a fluidez da vida num abraço mineral eterno. É uma gema que não apenas brilha, mas guarda a memória de marés que a geologia ainda tenta decifrar.



Figura 6 - Testemunhos de um ecossistema marinho ou lacustre ancestral (imagens A e B). Moldes de braquiópodes e bivalves preservados na solite. Estas evidências situam a origem da gema num ambiente marinho a época de sua formação, onde a mineralização por sílica imortalizou a biologia local, transformando a pedra num arquivo geocronológico único.

O Passado: Ambiente e Cronologia

A presença dessas impressões fósseis na Fig. 6 (imagens A e B), revela que a gênese da Solite está intrinsecamente ligada a um antigo ambiente marinho de baixa profundidade, onde a vida era abundante. O processo de formação ocorreu através de eventos hidrotermais submarinos, típicos da atividade vulcânica das ilhas, que permitiram à sílica substituir a matéria orgânica e preservar as formas de braquiópodes e bivalves.

Embora a Solite continue a ser um enigma em constante estudo, estas evidências paleontológicas sugerem que estas peças guardam memórias com milhares de anos, formadas em períodos de transição geológica em que o mar e o fogo moldavam a plataforma das ilhas. É, literalmente, a vida do passado capturada no abraço eterno da sílica.

? A Ciência ao Serviço da Descoberta

A solite é uma gema que não pára de nos surpreender. Para que a sua história seja contada com toda a precisão, esta pedra continua sob estudo atento numa investigação liderada pelo Professor Marcondes L. Costa.

Esta colaboração é fundamental para decifrar a origem e a idade da gema, unindo o conhecimento académico à prática de polimento e lapidação. O Professor Marcondes Lima Costa coordena atualmente os trabalhos de análise que permitirão concluir, de forma definitiva, o modelo de formação da solite, elevando-a a um patamar de reconhecimento internacional tanto na joalheria como na mineralogia.

A ARTE QUE LIBERTA A ALMA DA PEDRA

O capítulo final da jornada da solite acontece na banca do lapidário. É aqui que a “Pedra da Resiliência” abandona a sua forma bruta de seixo para assumir a sofisticação de uma gema facetada.

Através de cortes precisos, a Azores Gems and Minerals consegue realçar não só a sua cor única, mas também a forma como a luz interage com as inclusões de carbono.

Lapidar a solite é um desafio técnico. É preciso respeitar a dureza do quartzo enquanto se esculpem ângulos que permitam à “Matriz da Vida” brilhar com uma intensidade que o mar nunca revelaria. O resultado é mais do que uma gema, é um fragmento da história dos Açores, lapidado para a eternidade.



Figura 7 – O triunfo da técnica e da natureza. Exemplar de Solite em talhe facetado. A geometria da lapidação revela a transparência e as tonalidades quentes da gema, transformando o seixo resiliente numa peça de alta joalheria que exhibe, com orgulho, a sua alma milenar.

CONCLUSÃO: O LEGADO DA SOLITE

Segurar uma solite é tocar, de forma literal, na alma resiliente dos Açores. Este legado não é um conceito abstrato, é a prova física de que a identidade das nossas ilhas foi forjada num encontro improvável entre o fogo das entranhas da Terra e a vida persistente do oceano. No coração do Atlântico Norte, onde o isolamento geográfico nos molda o carácter, a solite surge como um símbolo de resistência.

Viver sobre a Junção Tripla das placas tectónicas, o ponto exato onde a Europa, a África e a América se confrontam e se afastam, significa compreender que o chão que pisamos é um organismo vivo em constante mutação. Entre o rugido silencioso dos vulcões e o pulsar dos sismos, o povo açoriano aprendeu a ler os sinais da natureza. A solite é um desses sinais. Ela é um fragmento de um mundo em movimento, uma relíquia de força que desafiou o tempo, as tensões da crosta terrestre e o esquecimento do abismo marinho.

Estudar esta gema do meio da imensidão oceânica, onde a distância impõe desafios à ciência, é um ato de teimosia e amor. A nossa persistência em não deixar que estas "pedras de luz" passem despercebidas é o que as transforma em joias para humanidade.

Para a Azores Gems and Minerals, a solite é a personificação da nossa própria génese, o momento em que a matéria bruta, nascida de um vulcanismo ancestral e de processos hidrotermais únicos, uniu-se à delicadeza de uma vida orgânica milenar para criar algo indestrutível.

Ao preservarmos, polirmos ou lapidarmos a solite, não estamos apenas a trabalhar uma pedra estamos a

guardar o registo visual da nossa própria sobrevivência. Ela é o nosso testemunho de que, no coração do Atlântico, a força da natureza não apaga a memória, imortaliza-a. É a prova de que o que é autêntico é, por definição, eterno, e que mesmo no isolamento mais profundo, o brilho da nossa terra encontra sempre uma forma de revelar-se ao mundo

PDF generated by Kalin's PDF Creation Station